

Bandeira falsa: da Verneda à Rambla

written by Daniel Laspra | 20 de gener de 2024

Há alguns dias, e de acordo com uma escrita muito shakespeariana, o termo “bandeira falsa” voltou à tona. O artigo em questão, como apontado por um bom amigo dramaturgo, me fez lembrar do discurso de Marco Antônio a Júlio César, uma excelente antífrase para defender a adesão à versão oficial dos ataques do dia 17, mas será que podemos ficar tranquilos com o que sabemos até agora?

Hoje explicaremos o que é uma operação de bandeira falsa e como ela afetou a sociedade catalã nos últimos 40 anos sob o regime constitucional.

Para sermos concisos, a bandeira falsa é um termo que lembra os tempos em que o corsário de Menorca Barceló, na bengala de um xabec, castigava os barcos da regência de Argel além de Cap de la Nau, simplesmente para confundir o tráfego marítimo, mudando a bandeira do barco para atacar de surpresa as vítimas confiantes de ver um navio supostamente amigável.

No século passado, o termo foi associado a operações secretas realizadas por Estados, primeiro como métodos para obter casus belli para iniciar guerras, justificando não ser o primeiro a iniciar hostilidades, e depois como uma técnica contra-insurgente, que consiste em cometer ataques de alto impacto para justificar a repressão de um grupo social ou nacional.

Era uma quinta-feira qualquer no outono quente de 1975, o ditador já estava morrendo em seu leito de morte, em um bairro modesto da classe trabalhadora, as pessoas estavam voltando do trabalho, indo jantar ou tomar um drinque nos muitos bares do calçadão de la Verneda, de repente, alguns espetas, feridos, gritos, mortos, carros capotados, a polícia da delegacia atirou nos “terroristas” a seu critério, no final cinco

mortos, dezenas de feridos, várias famílias destruídas e um silêncio que dura quarenta anos.

Alguns de vocês me dirão que a transição foi uma época de pessoas descontroladas e que acabou há muito tempo, que é melhor não remexer no passado e que, se a biblioteca do jornal diz que foi uma explosão de gás, não vamos dizer agora que uma bomba explodiu matando 18 pessoas na Rua Capità Arenas e, portanto, uma lista de “desastres” que aconteceram em nossas cidades ao longo dos anos 70 e início dos anos 80.

O fato, no entanto, é que há razões para pensar que não só esses incidentes nunca pararam, mas que eles vêm acontecendo na medida em que os roteiristas do alarme social decidiram reescrever a história política da Catalunha, o caso do Scala de 1978 serviria de modelo, o incêndio de um edifício emblemático desencadeia a repressão mais feroz contra o anarco-sindicalismo incipiente para o alívio de alguns e para o exemplo de outros.

Não é preciso ir tão longe, nas últimas décadas alguns “fatos” ganharam manchetes suficientes, geralmente sempre relacionados a manifestações violentas para condicionar a agenda. Agora, para que uma desordem pública seja coberta pela mídia, é necessário um alvo de qualidade, ou seja, queimar uma unidade móvel da TV3, atacar uma sede política ou quebrar janelas no Passeig de Gràcia durante uma cúpula internacional, etc., etc. Esses são mistérios bem conhecidos, nunca resolvidos, apesar do fato de que há casos em que membros das forças de segurança espanholas foram identificados e alguns até foram levados a julgamento.

Há muitos exemplos, mas alguns são exemplares, ano de 2014, eleições europeias, o PP decide realizar um evento em Vilanova com o ministro Montoro e Sánchez Camacho, os Mossos comunicam o plano de segurança em Madri, estabelecem uma rota e um perímetro, qual é a surpresa do chefe de operações ao ver que o carro do ministro toma outra direção e eis que há um

violento comitê de recepção esperando por ele. Quando os perpetradores são investigados, descobre-se que alguns vieram de fora do vilarejo e, o mais intrigante, um deles não consegue esconder sua ligação com a ultradireita e usa um adorno corporal que o trai inequivocamente.

Pode ser que, por muitos anos, o slogan político dado aos Mossos tenha sido que, quando eles pegavam um agente secreto espanhol, a palavra “soy compañero” automaticamente isentava o indivíduo em questão de qualquer responsabilidade, mas algo muito sério iria mudar tudo.

A dinâmica política do chamado Processo mereceu criar um cenário mais dramático e, assim, os contadores de histórias receberam muito mais meios para atingir seus objetivos. Todos conhecem a mal chamada Operação Catalunha, mas o assédio aos políticos catalães não surtiu os efeitos desejados.

Os primeiros sinais de que algo não estava certo foram a campanha especial dirigida pelo ex-ministro do Interior, Jorge F. Díaz, e a mídia de Madri, apontando que nosso país era um terreno fértil para o islamismo, mas será que havia alguma verdade em tudo isso?

Nos últimos dias, alguns quiseram expressamente confundir toda a comunidade muçulmana com o islamismo e, como corolário, com o jihadismo, as mesmas comunidades reconhecem, mas que um terço das congregações são salafistas, e parece que a monarquia alauíta tem muito a dizer sobre isso. Há muitos sinais que indicam que o Marrocos, em acordo com o Estado espanhol, supervisiona e até paga a manutenção de muitos de “seus” imãs, a promoção dos “barbudos” é exógena, mas o controle é compartilhado por Madri e Rabat, a prova mais confiável é a expulsão pelo CNI do ex-imã Ziani, um líder muçulmano que se declarou independente em 2013 e que gestou uma verdadeira aproximação da comunidade marroquina com a realidade catalã, além de pregar um Islã bem compatível com a sociedade ocidental, a justificativa foi “coloca em risco a segurança do Estado” e supostamente ser um agente da DGED

(serviços secretos marroquinos), como se este último fosse um desserviço para ser um imã na Catalunha, como se muitos imãs não fossem expressamente “importados” do Marrocos com o consentimento dos respectivos governos.

Se essa tese fosse verdadeira, descobriríamos que o Islã radical foi promovido como um método de controle dos imigrantes e dos catalães muçulmanos com essa origem, felizmente a comunidade marroquina é suficientemente plural, infelizmente, porém, a semente já estava plantada e deu frutos, o que logo fez da Catalunha a área com mais detidos jihadistas em todo o Estado, e a maioria de origem magrebina, mas isso não foi suficiente.

Os alarmes foram acionados em 2015, quando se soube que a infiltração jihadista nos agentes espanhóis chegou ao ponto de fornecer logística por meio de seus representantes habituais, elementos de extrema direita que prometiam armas em troca da validação de alvos, quando a polícia espanhola alertou os jihadistas de que eles estavam sendo investigados pelos Mossos, a operação foi interrompida, dando cobertura judicial aos neonazistas. Naquele momento, alguns de nós levantaram as sobancelhas, os Mossos de repente souberam que tinham um inimigo formidável e que esse inimigo estava jogando em casa, os objetivos seriam os mesmos, mas quantas células adormecidas eles tinham na Catalunha?

Hoje sabemos pouco sobre os ataques do 17A, apenas que o falecido imã de Ripoll era um salafista conhecido, um criminoso condenado, que se movimentava livremente e foi monitorado pela polícia espanhola em busca de ligações com os terroristas do 11M durante anos.

Como você pode ver, de Verneda até a Rambla, há um longo caminho de sangue e mentiras. É hora de todos nós trabalharmos para saber a verdade, porque as sombras dos silêncios do passado retornam ao presente e ameaçam o futuro de ilusão com o qual todos sonhamos juntos. Não podemos, de forma alguma, permitir que eles quebrem a coisa mais preciosa para uma

sociedade, que é a coexistência em liberdade. Não vamos cair nas armadilhas do bonismo ou do estigma do racismo, é necessário segmentar e isolar a ameaça para encarar o fato de que as causas podem ser mais concretas e que as intervenções externas que podem desestabilizar a paz social devem ser interrompidas, pois somente com estruturas estatais reais poderemos defender a segurança dos catalães, independentemente de nossa origem.

□ link:
<https://unilateral.cat/2017/08/30/falsa-bandera-de-la-verneda-a-les-rambles/>